

E se eles soubessem?

E-MAIL: As palavras escritas passam numa velocidade espantosa, talvez por isso não façam sentido: intraduzíveis, irremediáveis. Uma letra passa perdida, a formação de uma palavra em construção passa, como um desenho, uma tatuagem, uma cicatriz feita de letras.

Palavras para serem ditas de costas, de noite, numa paisagem embaçada, para olhares sem nitidez.

Palavras para serem escritas por pessoas sem corpo, num instante etéreo em que a mensagem alcança seu destinatário, também sem corpo.

Palavras para serem ditas por pessoas sem voz, e de uma forma invisível atravessarem o ar, o céu, as montanhas, a terra inteira até se formarem em algum outro lugar, sem som humano que as confirme: como são nossos dias, neste século, como vivemos a nossa humanidade.

IMAGEM: três rapazes projetam sua sombra num telão na sala de aula. No telão aparecem as palavras que escrevem no computador. É sol de fim de tarde, quase vermelho. A sombra deforma o retrato, fica difícil descrever como eles são.

(O primeiro à direita) — *Era como se tivesse uma casca em torno de mim. As pessoas viam a casca, mas não a minha verdadeira natureza. A natureza não tem uma regra específica. Há cinco anos que eu contei para os meus pais; desde então, foi como se a Gestapo tivesse passado a morar comigo.*

(O segundo, no centro) — *Desde os nove, dez anos de idade eu me sentia reprimido pelos colegas da minha classe. Sempre fui tímido e o fato de ser como sou sempre foi motivo de chacota, só aumentava minha timidez. Com o tempo as coisas*

só pioraram. Fui sendo excluído pouco a pouco por todos no colégio; se eu passava ao lado de um, logo era apontado e discriminado na frente de todos.

(O terceiro, à esquerda) — *Estou no início de minha carreira. Faço faculdade e estágio na área. Tenho grandes chances de subir na carreira dentro da empresa em que trabalho. Eu tenho medo de que, por preconceito, as portas se fechem para mim. Meus superiores vivem fazendo piadinhas a respeito disso; eu fico quieto, não sei qual seria a reação se eles soubessem que existe um, ali, entre eles.*

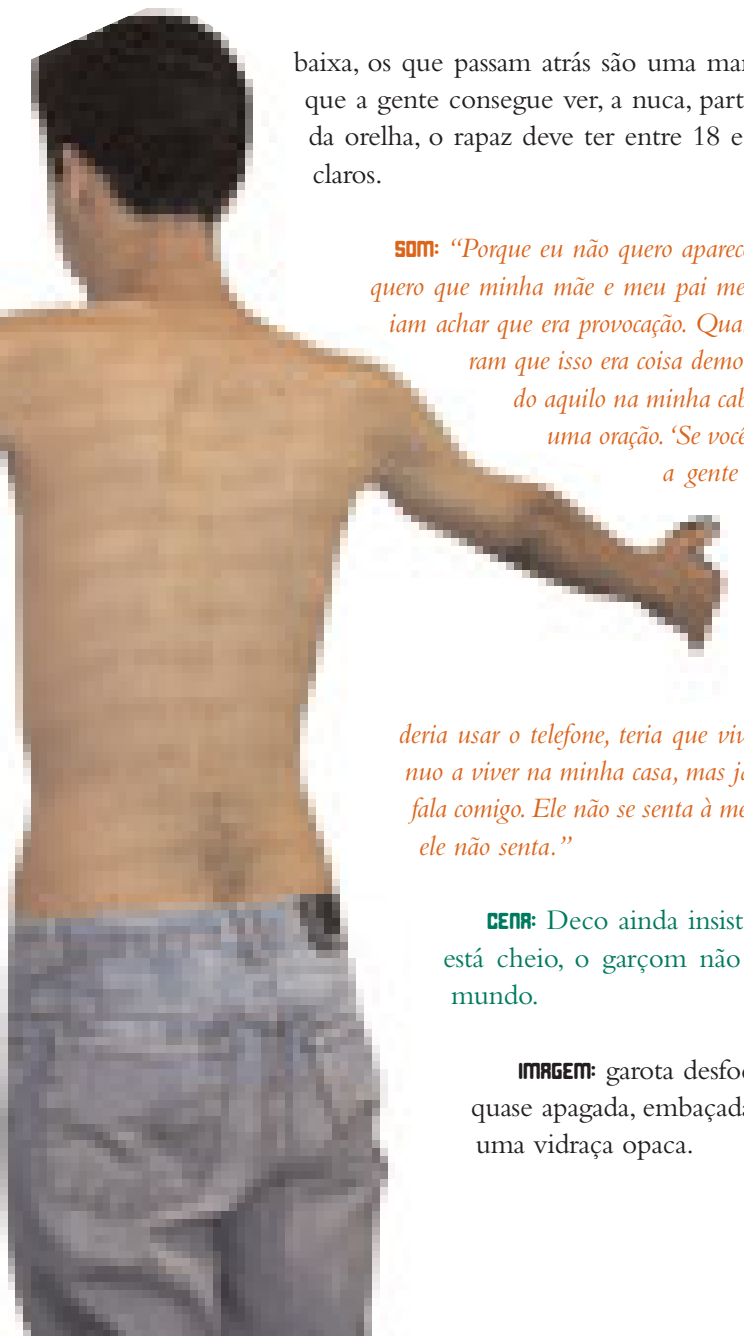
CENA: Bento Quirino está sentado numa cadeira bem no meio da praça. Carlos Gomes segura a batuta de maestro lá no fim da rua, onde as luzes projetam sua sombra no oitavo andar do edifício.

Salvador Rosa, Fosca, Maria Tudor, Lo Schiavo, Condor, Il Guarany. Entre óperas descansa a morte de Carlos Gomes — nesta praça, marco zero de Campinas. Onde os bares agora acendem suas luzes.

Noite de luzes, riscos de luzes que passam sem deixar marcas, um instante e o olho não tem certeza se viu.

SOM: vozerio no bar, risos, conversas. Deco chama o garçom.

IMAGEM: nuca de rapaz em primeiro plano, velocidade



baixa, os que passam atrás são uma mancha, invisíveis. Pelo pouco que a gente consegue ver, a nuca, parte do cabelo, um pedacinho da orelha, o rapaz deve ter entre 18 e 20 anos. É branco, cabelos claros.

SOM: “Porque eu não quero aparecer? É um motivo pessoal. Não quero que minha mãe e meu pai me vejam falando sobre isso. Eles iam achar que era provocação. Quando eles descobriram, me disseram que isso era coisa demoníaca, que alguém tinha colocado aquilo na minha cabeça e que eles podiam tirar com uma oração. ‘Se você tivesse contado desde pequeno, a gente podia ter feito uma coisa pra

isso passar.’ Isso foi a minha mãe. O meu pai disse que era pra eu pegar as minhas coisas e sumir de casa, e se eu quisesse ficar dentro da casa dele eu nunca mais po-

deria usar o telefone, teria que viver a vida enjaulado. Eu continuo a viver na minha casa, mas já faz um ano que meu pai não fala comigo. Ele não se senta à mesa comigo. Se eu estou na mesa ele não senta.”

CENA: Deco ainda insiste e chama o garçom, o bar está cheio, o garçom não dá conta de atender todo mundo.

IMAGEM: garota desfocada entre luzes, manchada, quase apagada, embaçada, como se estivesse atrás de uma vidraça opaca.

SOM: “Quando eu era pequena sofria mais ainda, não sabendo que eu era assim, quer dizer, eu sabia, mas não queria admitir para mim, ficava com receio. Tenho 19 anos, faço Arquitetura. Minha irmã descobriu e me ameaçou: se eu não contar para os meus pais, ela conta. E quando eles souberem eu sei que vão querer me levar pra Bahia de volta, não vão me deixar continuar a faculdade e lá eu vou sofrer a maior repressão.”

E-MAIL: Mesmo a palavra não dita revela a sua identidade. A palavra nunca dita, arrastada assim, em algum momento, até o espaço em que, finalmente, grita.

IMAGEM: costas, nuca, perfil. Borrados, desfocados.

Sombras numa parede.

(Ela) — *Eu sempre tive desejo por mulher, desde pequenininha eu era apaixonada pela vizinha do meu avô.*

(Ele) — *Meu pai simplesmente chegou pra mim e falou que não ia admitir que o filho dele virasse mulher.*

(Outro ele) — *Há uma semana toquei no assunto e revelei que sou gay. Na escola aprendi a me posicionar e não inventar mais, por exemplo, histórias de falsas namoradas.*

(Um outro ele) — *Tenho 18 anos e comecei um estágio agora, não gostaria de ser prejudicado, discriminado, por ser gay.*

CENA: Na primeira mesa, quase na passagem, na calçada da praça Bento Quirino, duas bandeiras com muitas cores, um casal se beija. Uma mulher e outra mulher.

Deco conseguiu ser atendido e agora, sentado ali, no Sucão, espera o chope e o sanduíche.

(Deco) — *Aqui é o centro de Campinas, o marco zero da cidade, onde a cidade foi fundada, foi exatamente aqui e tem um valor político pra gente muito interessante. A gente tá aqui na rua, não tá num lugar, num guetinho escondido, um barzinho de muro alto e vidro fumê, sendo gay só ali escondido. Aqui tem mesinha na rua, quem quer beijar, beija, quem quer ficar, fica. Porque você não é gay só na hora que você vai*

pra cama e tal. Ser gay é uma coisa que você é 24 horas. É teu estilo de vida, é personalidade, é o jeito como você vê o mundo, entendeu? É uma característica sua. Você nasceu de olho castanho, você tem olho castanho a vida inteira. Você dorme de olho castanho, acorda de olho castanho. Ser gay é uma coisa muito por aí também. Não dá pra você omitir uma parte da sua vida. Você tem que criar uma coisa pra colocar naquele lugar. Não dá pra você só ficar em silêncio sobre tudo que você faz enquanto gay, que você pensa enquanto gay, que você vê, que você sente. Então você acaba criando um personagem, você coloca esse personagem no lugar do seu verdadeiro eu. Aí, a sua mãe está toda orgulhosa do filho, mas não é do filho que ela está orgulhosa, é daquele filho-personagem que você criou. E aí você fica naquela: “será que ela vai gostar de mim quando descobrir que eu sou assim?” Então, o adolescente gay vive eternamente um jogo de RPG. Ele cria um personagem, entra naquele personagem e vive aquele personagem.

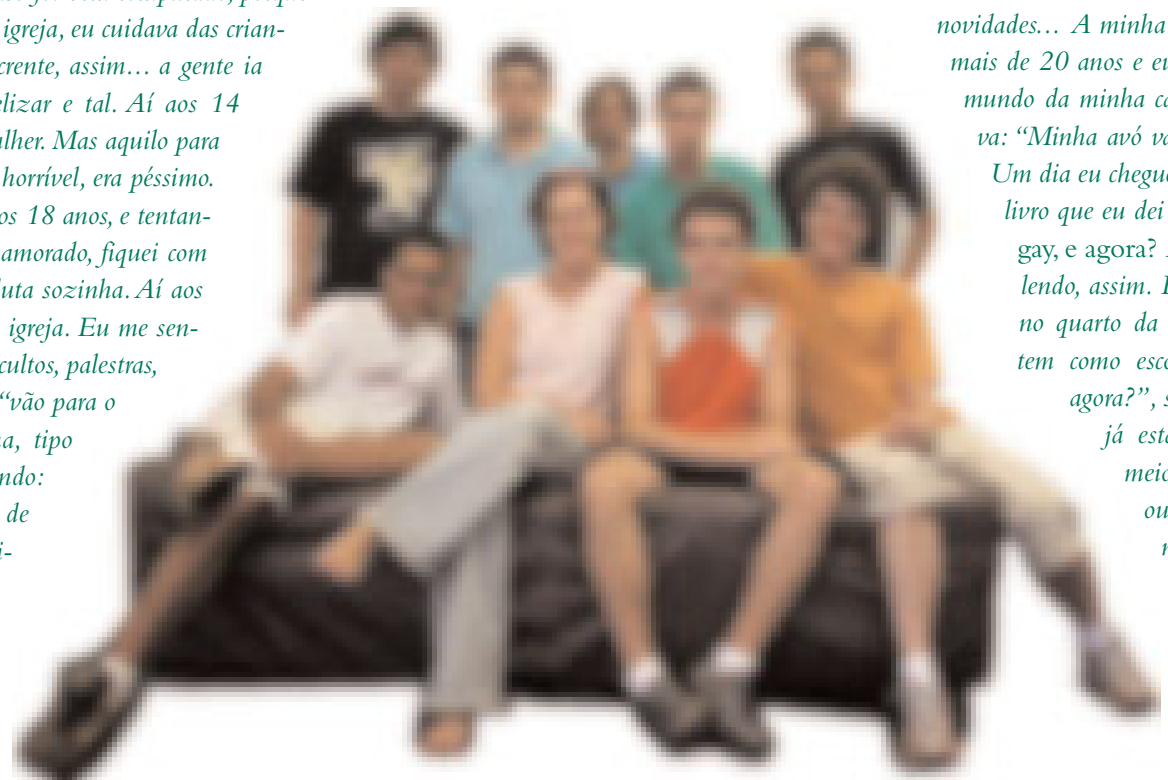


CENA: Interior. Sofá largo e laranja, num canto branco da sala. Algumas meninas, alguns rapazes. Chão preto de borracha. Sala de aula. Sol de fim de tarde. Computador. Retroprojeter.

(Ele) — *Eu estava há muito tempo em dúvida, aí vi o site do E-jovem, vi que o perfil das pessoas batia comigo e fiquei. E foi um período até que eu sentava, olhava no espelho e falava pra mim mesmo: “se assumo, se aceite”. Aí eu entrei na lista. Tinha sempre gente feliz, falando do namorado, dos amigos gays...*

(Ela) — *Tenho 17 anos. Sou bissexual. Ultimamente sou mais pro lado dos meninos mesmo, porque as meninas não estão dando oportunidade. Estou namorando. É uma coisa maior complicada. É com soropositivo, bem mais velho do que eu. Tá dando o maior rolo.*

(Outra ela) — *No meu caso foi bem complicado, porque eu cresci na igreja, eu cantava na igreja, eu cuidava das crianças da igreja. Minha mãe supercrente, assim... a gente ia para outros estados para evangelizar e tal. Aí aos 14 anos comecei a gostar de uma mulher. Mas aquilo para mim era absurdo, era pecado, era horrível, era péssimo. Então eu sofri sozinho dos 14 aos 18 anos, e tentando namorar com homem. Tive namorado, fiquei com um cara e tal e sempre naquela luta sozinho. Aí aos 18 anos comecei a me afastar da igreja. Eu me sentia muito culpada, porque tinha cultos, palestras, falando sobre homossexualismo: “vão para o inferno”. Eu me sentia péssima, tipo cantando lá na frente e pensando: “nossa, e se eles soubessem de mim?”. Aí eu conheci uma menina, fiquei com ela. Eu tinha a esperança de ter nojo, mas aí eu gostei absurdamente. Con-tei pra uma pessoa que fez*



o favor de contar para a igreja inteira. Aí eu fui excluída da igreja. Minha mãe ficou péssima. Eles me disseram que eu estava em pecado e que se eu falasse que eu ia deixar essa vida de pecado eles me manteriam na igreja. Eu falei que não, que eu era assim e não tinha como. Aí eles falaram: “Não, nós temos esperança. Então a gente te exclui da igreja pra você pensar e quando você voltar ao normal, você volta pra gente”. Esse ano pra mim foi o ano de liberdade mesmo, porque eu saí da igreja, um amigo meu me trouxe para o E-jovem, aí você vê que não está sozinho, que tem outras pessoas passando o que você passa.

(Outro ele) — *Esse negócio de igreja é complicado, né? Porque você não pode ser você dentro de uma igreja. Eu também me afastei, eu ia no campo e tudo, sabe, de casa em casa, eu falava e pregava. Eu fui criado lendo o pequeno livro, aquele amarelo, das Testemunhas de Jeová, agora é vermelho... novidades... A minha avó é testemunha-de-jeová há mais de 20 anos e eu contei que sou gay para todo mundo da minha casa, menos pra ela. Eu pensava: “Minha avó vai morrer se eu falar pra ela”. Um dia eu cheguei em casa, ela estava lendo um livro que eu dei pra minha mãe: Meu filho é gay, e agora? E ela sentadinha na cama dela lendo, assim. Ela falou: “Eu achei esse livro no quarto da sua mãe”. Aí eu pensei, não tem como esconder... “Meu filho é gay, e agora?”, só tem uma conclusão, né? Ela já estava suspeitando, todo mundo meio que falando no assunto, ela ouvia algumas conversas, mas ninguém chegava pra ela e dizia. Aí conversei com ela e tal e falei: “Vó, eu tenho um namorado”. E ela me falou o seguinte: “Ah,*

que bom que você está namorando, eu quero ver o meu neto feliz. Eu vou cozinhar um mocotó no casamento de vocês. Que bom que você gosta de alguém. Porque se você tem alguém, vocês vão para o inferno juntos, entendeu? Você não vai mais para o inferno sozinho”. Ela continua achando que eu vou para o inferno por ser gay, mas ela está feliz porque eu já não vou sozinho.

(Um novo ele) — *Como as pessoas foram chegando? Ah, acredito que todo mundo que tem dificuldades de encontrar pessoas para discutir esses assuntos acaba procurando na Internet. Daí você chega até o site, aí se inscreve numa lista de discussão e aí você começa a ver que tem milhares de pessoas em todo o Brasil, perto de você, longe, tudo quanto é canto. Geralmente a gente fica medindo o que vai falar, como vai agir. E nesse grupo, eu pude conviver com pessoas com as quais eu não preciso me preocupar com isso. Eu posso viver naturalmente, falar tudo o que passa pela minha cabeça.*

(Deco) — *O principal motivo para os jovens procurarem o site é o isolamento. O adolescente se sente isolado em casa, na família, na escola. O adolescente gay de 14 anos no interior de qualquer estado, a vida dele é o quê? Ele vai pra escola, ele vai pra casa. E os amigos dele são os amigos da escola. Ele sai no fim de semana pra ir ao shopping, uma coisa assim. Então, é isso a vida dele, basicamente. E aí, em casa ele não pode falar. Mas por quê? Às vezes até ouve piadinha do pai ou da mãe. E aí ele se fecha ainda mais. Na escola, os professores nunca falam nisso. Quando falam é na aula de biologia ou algo assim, quando muito. E os colegas fazendo piadinha também. Então, ele se sente isolado. E a Internet acaba sendo a janela para o mundo gay. Então, pela Internet, ele acaba achando o site e acaba descobrindo que ser gay não é viver sozinho, com medo; que ser gay é muito mais legal do que ele pensa.*

CENA: Praça Bento Quirino. Deco e outros gays numa mesa no bar Sução. Alguns podem se revelar, outros não. Deco fala à vontade.

— *Porque, por exemplo, aqui em Campinas, você tem uma praça no centro da cidade que os gays frequentam. Em São Paulo, você tem ruas inteiras gays. Agora, você vai pra Maringá no Paraná, em Passo Fundo no Rio Grande do Sul... você vai para Altamira, no Pará. Como é ser gay em Altamira? A gente tem um rapaz no E-jovem*



que mora em Altamira. Ele escreve para a gente: “Você olha assim para alguém, na cidade, que você acha que é gay, mas você nunca vai saber se ele é ou se não é. Porque ninguém nunca vai ter coragem de se aproximar e se revelar. Não tem bar gay, não tem boate gay, não tem nada gay”. Então o único contato é pela Internet.

CENA: Campinas atrás de grandes janelas, em ângulo oblíquo, como vidros de um navio. Nessa hora em que a cidade é azul e mostra seus prédios numa linha que recorta o céu.

(Deco) — *A gente recebia uns e-mails de jovens dizendo: “Eu estava sozinho, pensando em me matar, achei o site e mudei de idéia”. Eu recebo vários e-mails como esse. Você vê, uma pessoa que deixa de se matar porque encontrou um site. É uma vitória... Mas são três suicídios por dia, entendeu? São mais de mil por ano. O Brasil tem aproximadamente 1056 suicídios de jovens gays por ano, de 15 a 24 anos, isso dá uma média de três suicídios por dia. A cada oito horas, um adolescente gay se mata porque é gay. Nos três dias de carnaval, enquanto a maioria do povo estava curtindo, nove gays se mataram; nos quatro dias de vestibular da Unicamp, outros 12 gays se*

mataram. Então a gente começou a se perguntar por que isso acontece, por que o jovem se mata? Porque a família o rejeita. O jovem se mata porque a escola o rejeita. O jovem se mata porque o mundo o rejeita, a sociedade acaba matando esse jovem.

IMAGEM: a luz vermelha do sol de fim de tarde projeta a sombra de um rapaz na parede da sala de aula. Ele escreve no computador. Responde às nossas perguntas por escrito. Sem voz, sem retrato.

“Tenho 23 anos, tentei o suicídio há sete meses porque eu não via futuro para mim. Não tem como você ser feliz se escondendo. Meus pais sabem que sou gay há cinco anos. Depois de eu ter revelado a minha homossexualidade, eles não se mostraram compreensivos, muito pelo contrário. Eles procuraram corrigir a minha homossexualidade, como se fosse uma doença; por fim, só depois de eu ter sobrevivido à tentativa de suicídio, minha família percebeu que a situação era mais séria do que eles pensavam.”

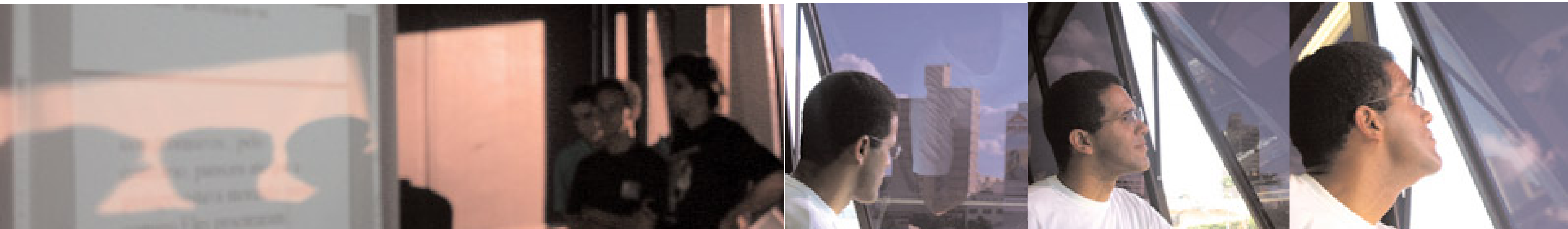
CENA: Uma menina olha pela janela. Poucas nuvens, alguns prédios: “adoro olhar o centro de Campinas, assim, por cima”.

“Eu gostaria de poder dizer pra minha mãe: ‘olha mãe, é assim, assim, assim’. Bater um papo legal e ela aceitar. Eu acho que eu gostaria muito que acontecesse. Porque no momento não estou namorando ninguém, mas se por algum acaso eu vier a namorar uma menina, poder levar ela lá em casa e falar assim: ‘essa aqui é a minha namorada’. Uma vez eu levei uma menina lá e eu falei pra minha mãe que era minha amiga. Eu acho superchato a gente sentar no sofá e não poder dar as mãos, sabe? Não poder dar um beijo, porque os pais não sabem. Eu ia me sentir bem mais verdadeira se isso acontecesse.”

CENA: Deco olha pra esse lado de Campinas, enquanto sua imagem se duplica, na janela entreaberta, e olha de volta para ele mesmo.

“A gente tem esse exemplo de jovens que contam na escola ou que contam para a família, e mudam alguma coisinha na vida dessas pessoas e isso se multiplica. Eu vejo isso na minha família, por exemplo: eu contei em casa para o meu pai, para a minha mãe, para os meus irmãos, para os meus primos etc. E para os amigos da faculdade também. Você percebe que essas pessoas que estão em volta de você, e que não

tinham uma outra referência para gay a não ser o que viam na mídia em programas humorísticos, passam a ter uma referência para gay. Então, de repente o gay não é mais aquela coisa abstrata, de Zorra Total, ou de algum outro programa de humor. O gay é o André meu filho, ou o André meu neto, entendeu? Então, se alguém fala assim: ‘Ah, os gays são todos promíscuos’ para a minha mãe, ela vai falar assim: ‘Não, o meu filho é gay e não é promíscuo. Tem namorado... eu o conheço, eu convivo com ele’. Claro, toda mãe conhece o filho há 10, 15, 18, 20, 25 anos. Ela sabe como o filho dela é, e que aquela criança que ela criou, viu crescer, é gay, ou aquela menina que ela acompanhou todos os passos e tal é lésbica. Então, eu acho que a gente criar essa referência para as pessoas que estão próximas a nós é o principal, porque cada pequena coisa que uma pessoa faz no seu próprio universo começa a mudar o mundo. Se você quiser mudar o mundo, você muda a sua casa primeiro. Se todo mundo fizesse isso, a gente teria o mundo que a gente quer.”



E-MAIL: Começam a se formar letra por letra. E quando ficam nítidas, estão prontas as palavras.

Palavras para serem ditas com calma numa manhã de sol e céu claro, enquanto a mãe passa o café pelo coador.

Palavras para serem ditas ainda de pijama, no café-da-manhã, com a família.

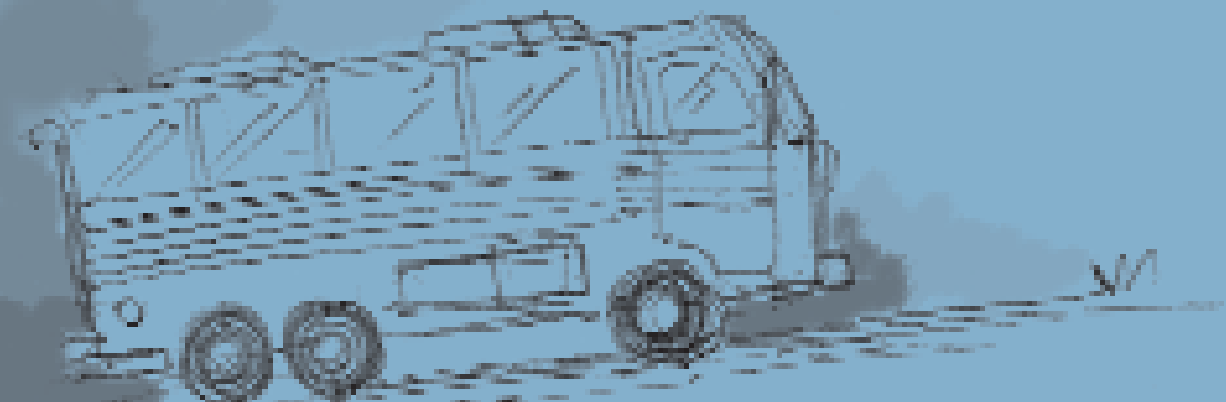
Palavras para serem ditas no almoço de domingo, no elevador, na cabeleireira, na padaria, no açougue, na lavanderia, no escritório, na sala de aula.

Palavras para serem ditas numa noite qualquer, quando o pai volta do trabalho.

Palavras para serem ditas no ônibus, na fila do cinema, no táxi.

No chope de fim de tarde entre os amigos do trabalho, entre os amigos da escola.

Palavras para serem lidas numa noite, como essa, em que Campinas passa assim, azul, pela janela do ônibus.



Origens e Propostas

O www.e-jovem.com é um site dirigido ao público homossexual jovem. Foi fundado por Deco Ribeiro em 2001. Deco tem 33 anos, é jornalista e trabalha como editor e webmaster do site.

A idéia central é estimular o protagonismo juvenil. Os usuários são também aqueles que alimentam o site, num contínuo movimento de reconstrução.

O site é composto por dicas de baladas, quadrinhos, charges animadas, artigos, reportagens, sobre temas fundamentais na vida de todos nós: amor, família, escola, religião, sexo.

Estão cadastrados no site, atualmente, mais de 2.900 jovens de todo o Brasil e alguns de Portugal e do Japão. Cerca de 76% dos usuários do site têm menos de 21 anos; 30% têm menos de 16 anos. São mais de 35 mil acessos mensais.

No site há espaço tanto para o jovem que apenas quer receber informações quanto para aquele que quer participar de discussões, escrever depoimentos ou ainda fazer uma reportagem, escrever uma coluna, fazer cobertura de eventos etc.

O site também disponibiliza uma lista de discussão por e-mail. Nessa lista, os jovens se cadastram e conversam entre si. Além dos encontros virtuais, o Grupo E-jovem realiza encontros reais.

Jovens gays, lésbicas e bissexuais cadastrados no E-jovem passaram a se encontrar e conversar sobre o que cada um poderia fazer pela causa gay.

Foram criadas unidades regionais do Grupo E-jovem em várias cidades. São cerca de cem jovens atuando na linha de frente da militância, distribuídos, atualmente, por Porto Alegre, Cruz Alta, Curitiba, São Paulo, Santos, Guarulhos, Campinas, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília.

Eles criam e desenvolvem projetos que podem atingir centenas de outros adolescentes, como vídeos, peças de teatro de temática gay e, ainda, o Programa

Escola Jovem, que pretende levar a discussão da homossexualidade para dentro das escolas públicas e particulares de ensino fundamental e médio.

“Eu acho que o site conseguiu cumprir aquilo que era o objetivo dele, que ainda é o objetivo dele: passar informação pra quem não tem informação e se sente isolado, achando que é o único gay do mundo. O objetivo do E-jovem é ser um site de troca de informações, sem correr o risco de ter pornografia no site, o que costuma ser comum na maioria dos sites dirigidos para homossexuais. No E-jovem quem se inscreve na lista não pode trocar fotos, só conversar. O retorno que a gente tem é muito positivo, normalmente os jovens escrevem pra gente dizendo coisas assim: ‘Nossa, foi demais o site, me ajudou em muitas coisas, fiz trabalho de escola com ele. Eu mostrei pro meu pai e pra minha mãe. Me ajudou a tomar coragem pra contar para minha família que sou gay’”, diz Deco Ribeiro.

O site “www.e-jovem.com” tem, ainda, uma coluna para pais e mães que não sabem o que fazer quando descobrem ter um filho ou uma filha homossexual. O nome da coluna é “Afagho”, foi criada pela mãe do Deco, a Dra. Ana Maria Ribeiro, antropóloga clínica, falecida em 2005. Nela, pais e mães de E-jovens respondem dúvidas sobre como esses pais podem compreender melhor os seus filhos. E como os filhos podem também compreender melhor os seus pais. Para contatos diretos com a coluna o e-mail é: afagho@e-jovem.com.

O Grupo E-jovem é um dos únicos grupos gays do Brasil a colocar em estatuto que aceita heterossexuais como representantes do projeto.

(Deco) — *Eu acho que quando a gente agrega pessoas que não estão diretamente envolvidas na causa, a causa ganha mais força. Quando eu começo a ver heteros participando de movimentos gays, eu percebo que a nossa causa é uma causa justa. A causa gay é a gente não precisar ficar lembrando a toda hora que a gente é gay, entendeu? Você não pode pensar em mudar a sociedade, trabalhando numa sociedade fictícia só de gays, criando um mundinho só de gays. Você tem que trabalhar num mundo que tem gays, lésbicas, heterossexuais, bissexuais, todos estão vivendo juntos”,* continua Deco. *“Queremos mostrar aos pais e à sociedade que isso que estamos fazendo não é uma coisa errada, suja ou que deva ser secreta — a maioria dos garotos gays tem orgulho em ser o que é e adoraria que os pais soubessem, se tivessem certeza que teriam apoio. E se os próprios pais não aceitarem e respeitarem os filhos, como iremos querer que a sociedade os aceite?”*